

CONVERSANDO SOBRE PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

*Telma Bessa Sales*¹

“[...] Mas ainda havia algo a dizer e,
por conseguinte, devia ser dito,
ou pelo menos,
tinha que se esforçar para dizer”
(do texto de Fernando G. Aguilera
In Alabardas, Alabardas,
Saramago, 2014, p. 64)

Este número temático da *Sæculum* propõe reflexões sobre centros históricos e patrimônios, e em certa medida, de forma mais alargada, inevitavelmente, abordamos assuntos como memórias, histórias e seus desdobramentos temáticos. Aqui dedicamos um pensar especial sobre patrimônio industrial. Sim, quanta riqueza e amplitude, nestas duas palavras cheias de sentidos e significados para alguns e tão vazias e enigmáticas para outros. De início poderíamos indagar o que é mesmo Patrimônio Industrial, como nasceu esse debate no Brasil e quais as questões atuais que constituem o estudo do tema.

Logo percebemos que esse assunto tem a ver com o mundo do trabalho, com fábricas, trabalhadores e patrões, o próprio espaço industrial com as máquinas de produção e o saber-fazer dos trabalhadores. Assim como diz respeito ao modo de vida dos que ali habitam e deixam suas marcas nos arredores do espaço fabril, e as atividades no chão da fábrica.

Como afirmam estudiosos como Cristina Meneguello, Beatriz Kuhl, Jorge Custódio entre outros, as reflexões sobre o patrimônio industrial vêm se desenvolvendo e acompanham as mudanças ocorridas nas discussões sobre o patrimônio de uma forma geral, e estão articuladas a um aprofundamento muito maior de questões ligadas à Arqueologia, à História, e ao próprio Patrimônio. Nessa perspectiva, vale lembrar, “o patrimônio cultural é um campo complexo que abarca de papéis a edifícios, de mapas a obra de arte, de comidas típicas a festas populares e tudo que for capaz de expressar cultura. Embora tão interessante e diversificado, ainda se constitui em relativa novidade no ambiente universitário”, como afirmam Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca².

Para se pensar neste tema relacionado a fábricas, máquinas, espaços de trabalho se transformando em espaços de entretenimento e lazer, uma revitalização de antigos

¹ Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Évora em 2015/2016, com financiamento de uma bolsa Capes. Professora Adjunta do Curso de Graduação em História da Universidade Estadual do Vale do Acaraú, campus de Sobral – CE. Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Ceará, campus de Fortaleza. E-Mail: <telmabessa@hotmail.com>.

² PINSKY, Carla Bassanezi & LUCA, Tania Regina de. “Apresentação”. In: _____ & _____ (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 7.

espaços fabris em ruínas, para espaços de produção de saber e de encontros, de lazer, nada melhor que ouvir os antigos trabalhadores destes espaços, por isso a importância da história oral. Com esta perspectiva, escolhemos mais uma vez, abordar neste texto, os sujeitos, suas falas e a constituição de acervos orais e audiovisuais como valorização de memórias e afirmação de direitos. Sabemos que as falas e problemáticas sociais são consideradas por nós, para analisar, estudar e, de certa forma, entender a realidade social ontem e hoje.

Nos aventuramos aos desafios da construção do conhecimento a partir das experiências dos sujeitos sociais e seus respectivos processos constituintes. Nessa esteira de pensamento, importa beber dos ensinamentos e reflexões de estudiosos que marcaram a historiografia contemporânea como Edward P. Thompson, Erick Hobsbawm e outros. Estes pesquisadores e escritores sempre estiveram atentos aos ‘becos sem saída’ ou ‘causas perdidas e os próprios perdedores’ e são fontes inesgotáveis de inspiração, conhecimento e compromisso social.

Pensando no protagonismo de sujeitos sociais, assumimos uma perspectiva da pluralidade, da narrativa do sujeito como documento histórico. Esse viés interpretativo reconhece que existem múltiplas visões, que há uma pluralidade de memórias e de sujeitos. Estes têm experiências sociais vividas e compartilhadas que acontecem num ambiente social e, num contexto mais amplo, possuem narrativas únicas que têm dimensão social. Sim, são sujeitos que se movimentam num ir e vir constante, pessoas que trabalham, amam, rezam, brincam e nos fazem acreditar que a política não acontece somente nos ‘gabinetes ou escritórios, mas também nos quintais, nas vilas, ruas’.

Hoje é necessário ainda incentivar e ouvir as narrativas destes sujeitos sociais. E uma ferramenta dinâmica para isso são trabalhos que consideram os ‘excluídos’, incentivando a recriação dos espaços de falas, de espaços públicos de debates e expressão de narrativas. Pensando numa metodologia de pesquisa que não se encerra nela própria, que é também uma opção política, vale pensar no que afirmam pesquisadores como Alessandro Portelli, para quem, no início do século XXI, a História Oral é precisamente um método para contestar, para dizer não a uma ideologia hegemônica/ individualista, incentivando a participação popular nos acontecimentos históricos³.

O poema de Pablo Neruda em homenagem a Tina Modotti termina com a frase ‘Porque o fogo não morre’, ratificando ideais libertários de uma militante das lutas sociais contra o fascismo que ocorreu na Europa. Também revela a dedicação e compromisso daquela tecelã, atriz do cinema mudo e fotógrafa, em sua militância política e humanitária⁴. Sim, o desejo de uma sociedade justa e solidária constitui-se numa chama imortal. A opção em contribuir para essa utopia faz parte do próprio ser ao longo da existência, que se manifesta de forma integralizada seja na vida pessoal, na luta política, em suas dimensões cultural e social. Do ponto de vista do campo profissional, valorizar os protagonistas ausentes da historiografia, também se

³ PORTELLI, Alessandro. “Entrevista: História Oral e memórias”. *Revista História e Perspectivas*, Uberlândia, EdUFU, n. 25/ 26, 2001/ 2002, p. 214.

⁴ BARCKHAUSEN-CANALE, Cristiane. *No rastro de Tina Modotti*. Tradução de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1989.

movimenta como um compromisso de vida, uma chama imortal, esse sentimento tão bem expresso e cultivado por Déa Fenelon em seus escritos, diálogos e ação cotidiana transformadora⁵.

Não podemos deixar essa chama apagar, assim as novas gerações ficarão conhecendo as histórias plurais e conflituosas nas lutas por transformações, enfrentadas por estes sujeitos sociais ao longo dos anos. Elas (as novas gerações) descobrirão que a dinâmica social e política possui a forte marca dos considerados ‘sem dignidade’, ‘sem educação’, ‘sem *glamour*’, ‘sem conta bancária’, ‘sem voz’ ‘sem direitos’, além de serem também ‘sem terra’, ‘sem teto’, ‘sem trabalho’... As novas gerações deverão saber enfim que lembrar, considerar e agir com esses ‘anônimos’, ‘invisíveis’ e suas lutas, é uma ‘herança incorruptível’, herança que nos é dada e que devemos passar adiante.

Pensando nessa dimensão, este artigo busca, ainda, manter presente essa perspectiva, a de ser aberto para o debate plural, estabelecendo um diálogo com o diferente, abraçando a metodologia de trabalho da História Oral, dando visibilidade às diversas experiências de trabalhadores, mulheres, chapeiros, migrantes, agricultores, moradores. Essa dimensão possui uma presença no desafio de apontar reflexões e valores onde os sujeitos sociais, protagonistas de suas próprias mudanças, as reconstruam, se reconheçam em espaços plurais e plenos de direitos.

Dialogar sobre esses temas tem um significado especial, pois compreendemos que as narrativas dos sujeitos sociais podem ser uma forma de afirmação de direitos. Sugere-se, assim, a importância das falas dos sujeitos sociais na afirmação de si próprios e, de certa maneira, tais falas podem ser compreendidas como uma possibilidade de repensar a si, o outro e o mundo. Vale considerar que as falas, a partir de publicizadas, são reveladoras e contribuem para novas compreensões da História. Apropriamo-nos da narrativa oral levando em conta suas peculiaridades, como um enredo, onde as interpretações são construídas pelos sujeitos. Como bem assinala Yara Aun Houry,

Como um gênero específico de discurso, impregnado de interrupções, digressões, repetições, correções, constituindo-se mais como um processo do que como um texto acabado, põe em evidência o movimento da palavra, da memória e da consciência, demandando um tratamento específico, que também pode ser proveitoso no sentido de ampliar e modificar a noção de fato histórico e, por esse caminho, contribuir para a incorporação de outros sujeitos à história.⁶

Nessa dimensão, pesquisadores que desenvolvem a metodologia de trabalho com história oral sabem que esta contribui enormemente para a democratização do saber,

⁵ A obra de Déa é fruto de sua práxis e aponta para um saber enraizado na pesquisa, na reflexão acadêmica e no engajamento social, cf. FENELON, Déa. “O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo”. *História & Perspectiva*, UFU, n. 6, 1991.

⁶ KHOURY, Yara Aun. “Narrativas orais na investigação da História Social”. **Projeto História**, São Paulo, PUC-SP, n. 22, 2001, p. 80.

pois as memórias plurais não pertencem a nenhum iluminado, nem tão pouco a instituições autorizadas e representativas dos homens e mulheres. Além dos estudiosos, vale destacar todos os interessados nessa maneira de abordar a história, na compreensão de que estamos todos inseridos dentro da ‘grandiosa teia, plural, dinâmica e heterogênea’. Tudo isso temperado com as emoções, as memórias ressignificadas. Não esqueçamos que esse método de trabalho é democrático e abarca inclusive as subjetividades do pesquisador e do narrador. Yara Aun Khoury continua e assinala no mesmo artigo acima citado,

Em cada pesquisa, nossos procedimentos com esta metodologia estão intimamente imbricados com as temáticas definidas para estudo e com as problemáticas que construímos em torno delas. Ao produzirmos narrativas orais num diálogo com pessoas, temos entrado em contato com presenças ignoradas ou ocultadas construindo maneiras de resistir e sobreviver; com significações construídas e não reconhecidas numa ordem instituída constantemente realimentada, em cujos processos a oralidade joga um papel importante.⁷

As reflexões citadas são ricas e nos inspiram a alargar o pensar sobre a abordagem, a interpretação, as análises e a necessidade de constituição de acervos de entrevistas com histórias de vida de variados sujeitos sociais.

Cabe pontuar que a História Oral no Brasil, assim como no restante da América Latina, principalmente nos países que viveram governos ditatoriais, teve sua incorporação associada ao processo de redemocratização. A ousadia se fez presente no desenrolar dessa trajetória, e perpassando anos de muito trabalho, desafios e conflitos, houve uma consolidação dessa metodologia dentro e fora do campo acadêmico.

Um fator que em certa medida alavancou a sistematização de todo esse processo foram os centros de documentação instituídos pelas universidades. Voltados para o registro de depoimentos e experiências do passado, Laboratórios de Memória e de História Oral vêm se consolidando, e dentre eles podemos citar algumas experiências, como: o Centro de Informação e Documentação Científica (CEDIC), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, na Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro (CPDOC-FGV); o Laboratório de História Oral e Imagem, ligada à Universidade Federal Fluminense em Niterói (LABHOI-UFF); o Núcleo de Documentação Cultural na Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza (NUDOC-UFC); o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal da Paraíba (NDIHR-UFPB); o Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas em Sobral – Ceará (LABOME-UVA); a Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais (CEPRO) no Piauí; além de ONGs e fundações que também se

⁷ KHOURY, “Narrativas orais...”, p. 90.

situam nessa área, visto a experiência da Fundação Joaquim Nabuco em Pernambuco.

O Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME, da Universidade Vale do Acaraú (UVA), está vinculado ao Centro de Ciências Humanas e promove a difusão de pesquisas desenvolvidas por professores através da linguagem visual, articulando filmes (documentários), fotografia, artes plásticas, instalações e desenhos; pautando os acervos orais de pesquisas registradas e catalogadas disponibilizadas para toda a universidade. Esse laboratório faz transcrição, catalogação e armazenamento das narrativas que podem ser acessadas por todos e são revisitadas para o Programa Visualidades, que busca “promover novos usos ao arquivo de documentos textuais, orais e visuais já existentes, produzindo obras visuais que possam ser úteis para pensar o tempo e o espaço vivido; contribuir para a criação de uma política pública de produção de obras visuais tendo o Labome, o Atelier Livre como apoio técnico e administrativo”.

Com a metodologia da História Oral cada vez mais arraigada nos programas de pós-graduação do país, com um número expressivo de autores que vêm se dedicando a tais temáticas, estes acervos presentes de norte a sul do país, em certa medida, vem contribuindo com a socialização de narrativas, se constituindo também como espaço de afirmação de direitos. Sim, de certa forma, há um reconhecimento da comunidade acadêmica e da sociedade, da importância destes acervos, são diversas experiências de variados sujeitos sociais, registrados através de narrativas orais, valorizadas e sistematizadas para disponibilizar ao público em geral.

Estes espaços atuam de forma simultânea na produção de conceitos e métodos específicos, alargando, assim, o universo da produção histórica nacional e a compreensão dos processos desta metodologia de pesquisa. Apresentam uma seriedade e sistematização das narrativas e fontes historiográficas, que há anos vêm ajudando alunos e a todos interessados, nos depoimentos, nas histórias de vida de milhares de personagens importantes para se compreender a nossa história. São catalogadas, organizadas e revelam a pluralidade de memórias, que são as vezes, divergentes, complementares, diferentes, e essa é uma das riquezas das fontes orais.

Há que se considerar as diferenças e divergências existentes nas narrativas, na tentativa de alargar a compreensão dos fatos históricos e das interpretações plurais relacionados ao dinamismo social, cultural, político, que são importantes para os sujeitos sociais e que são expressos nas falas dos narradores.

Pensando nessas narrativas e em acervos que trabalham com essa natureza de documento, além dos já citados, ligados a instituições de ensino ou não, importa indagar o que fazer com tais narrativas, o que nos diz essa documentação. Podemos refletir se seria uma forma de motivação para se incorporar essas falas em nossas pesquisas e, em certa medida, pensar nos caminhos diversos, cruzamentos e frutos que tais falas podem suscitar. As fontes orais podem ser consideradas como um tipo de documentação que atrai novos pesquisadores, envolvendo as pessoas, os estudantes, as escolas, os segmentos sociais, todo um outro universo para a produção do saber.

É possível se pensar também uma outra bibliografia, não muito conhecida, estimulando o diálogo entre gerações e novas metodologias, promovendo o alargamento do conhecimento formal considerado pelos meios acadêmicos: seria

uma potência no sentido de mobilizar pessoas e espaços a partir das memórias das famílias, dos bairros, dos locais de memória que significam as identidades que se constituem e nos quais os sujeitos sociais se reconhecem.

Mudança e Preservação: Espaço Fabril e Centro Cultural

Uma das maneiras de se dar visibilidade a essas narrativas, em constante diálogo com artefatos materiais e produzindo outras fontes documentais, é a experiência de criar-se centros culturais nos locais que outrora foram espaços fabris. São as narrativas dos sujeitos sociais em cruzamento com iconografia, documentários, imprensa que estão presentes na construção de alguns acervos dessa natureza, como também passam a ser ‘mola mestra’ no processo de constituição de espaços públicos de qualidade, dentro do campo do patrimônio industrial.

Essas reflexões nos levam a ratificar uma das preocupações de pesquisadores de todo o mundo que trabalham com História Oral, e que debateram tudo isso no XVII Congresso da International Oral History Association – IOHA, em Buenos Aires, no ano de 2012⁸:

As histórias orais têm documentado transtornos sociais e políticos, movimentos de reformas e suas reações. Como uma ferramenta democrática, os registros de história oral preservam memórias, percepções e vozes de indivíduos e grupos em todos os níveis e em todas as atividades. Isso levanta questões sobre o que fazer com essas entrevistas e como compartilhá-los com as pessoas e comunidades que fazem esta reflexão.

São várias questões a respeito das redes de significados que as narrativas podem sugerir, incentivando ações didáticas, pedagógicas e políticas. Elas também podem ser consideradas dentro de um processo de ação cultural de políticas públicas, no sentido de veicular, tratar e preservar as memórias relativas aos espaços, cuidar da estruturação desses espaços e de seu entorno, bem como os modos de vida dos que ali residem ou trabalham e como foram vivendo as transformações sociais sofridas ao longo dos anos.

Há iniciativas de ação no campo do patrimônio industrial em vários lugares de nosso país, tornando-se viável demonstrar suas trajetórias diversificadas e a pluralidade de protagonismo nessas empreitadas, considerando as narrativas e experiências plurais vivenciadas pelos diferentes sujeitos envolvidos. Nessa dimensão, vale ressaltar uma experiência de política pública relacionada à utilização de

⁸ Com o tema “Los Retos de la Historia Oral en el Siglo XXI: Diversidades, Desigualdades y la Construcción de Identidades”, o XVII Congreso Internacional de Historia Oral foi organizado/promovido pela Universidade de Buenos Aires, pela Red Latinoamericana de Historia Oral e pela Asociación de Historia Oral de la República Argentina, e ocorreu entre 04 e 07 de setembro de 2012. Suas Actas foram publicadas em 2013 e estão disponíveis para download gratuito no link <http://www.historiaoralargentina.org/baires2012/attachments/ENCUENTRO_HO_2012_CD.rar>.

narrativas de ex-trabalhadores num processo de reutilização do espaço fabril em espaço cultural, ou seja, uma ação de preservação do Patrimônio Industrial.

No Brasil essa reflexão advém dos anos 2000 no Estado de São Paulo, com professores da UNICAMP. Em 2003 houve uma primeira reunião com diversos profissionais estudiosos do patrimônio e da universidade para se pensar no tema, impulsionados pelo Prof. Paulo Fontes (hoje docente da FGV-RJ) que desenvolveu um estudo sobre os trabalhadores da Nitroquímica, na Zona Leste da cidade de São Paulo. A seguir houve o primeiro encontro na UNICAMP, articulado pela professora Cristina Meneguello, com a presença do professor José Lopes Cordeiro, da Universidade do Minho, de Portugal. Naquele encontro criou-se um Comitê Brasileiro para Preservação do Patrimônio Industrial, de discussão sobre Patrimônio Industrial, articulado ao The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage – TICCHI.

Ressalto aqui a oportunidade que tive de participar desses diálogos iniciais, que incidiram na fundação do Comitê Provisório (ligado ao TICCHI) pela recuperação do patrimônio industrial no Brasil. Assinei sua Carta Manifesto de 15 de março de 2003 em São Paulo. O TICCHI é o principal organismo internacional de preservação do patrimônio industrial e articula reuniões em todo o mundo. A carta de São Paulo destaca a importância e demanda de se refletir sobre esta temática em todo país:

Em todas as regiões do Brasil existem exemplos de patrimônio industrial de grande importância histórica, econômica, e social, que precisam ser preservadas [...]. Muitas das fábricas representam diversas fases do desenvolvimento industrial brasileiro e também profundas relações históricas e culturais com as comunidades que as circundam.⁹

Eis aqui uma iniciativa do poder municipal que aponta uma maneira de reutilização do espaço fabril, desativado, e que, em certa medida, tem conseguido articular o diálogo entre diversos profissionais de áreas como História, Antropologia, Sociologia e Arquitetura em torno da constituição de um espaço de formação e entretenimento que se tornou significativo para a população. Trata-se do *Centro Municipal de Educação Adamastor* – localizado em Guarulhos, São Paulo. Esse equipamento cultural, de caráter público, representa uma experiência que desenvolveu e assumiu a mudança de uma fábrica têxtil (Adamastor) transformada num centro de cultura.

Essa tecelagem foi importante no desenvolvimento da cidade de Guarulhos: instalou-se ali em 1946 e funcionou no mesmo local até 1980. Faz parte da história da industrialização paulista com o *boom* industrial brasileiro e se tornou famosa por sua linha fina e de qualidade na década de 1940. Após a falência, o abandono e o vandalismo, e já deteriorada, os galpões foram ocupados por moradores de rua, dependentes químicos e passou a ser espaço identificado com violência e degradação.

⁹ Carta Manifesto TICCHI, 15 mar. 2003.

Com a preocupação da preservação patrimonial, a Prefeitura aprovou o projeto de tombamento no ano de 2001, declarando o terreno como de utilidade pública para desapropriação e execução do projeto de recuperação, por meio do Decreto Municipal nº 21.226, de 11 de abril de 2001, iniciando a reforma do edifício e inaugurando-o em seguida, tornando-o um espaço público que abriga teatro, auditório e salas de formação: o Centro Municipal de Educação Adamastor.

Para se conhecer características da obra arquitetônica, eis fragmentos retirados de um informativo da Prefeitura de Guarulhos:

A obra da prefeitura não descaracteriza a imagem histórica e afetiva guardada entre os habitantes da cidade. Apropria-se de um ícone das edificações industriais da época que é a chaminé de 50 metros de altura, que, visível a distância, constitui símbolo do conjunto. Com quase 8 mil metros quadrados de construção, o centro educacional e cultural é formado, além do pavilhão industrial, por um edifício novo destinado à administração e a secretarias. O pavilhão, cuja face externa é marcada por colunas em tijolo aparente, tem sua parte central e a chaminé tombadas pelo município. É constituído por três longas águas com duas cabeceiras, que, assim como a chaminé, foram recuperadas.¹⁰



Fig. 1 – Fachada do Centro Municipal de Educação Adamastor, Guarulhos – SP.

Em Guarulhos essa ação de valorização do patrimônio cultural local ocorreu na primeira gestão do governo do Partido dos Trabalhadores na cidade, entre os anos de 2001 e 2004. Nas palavras da professora Dra. Heloísa de Faria Cruz, à época Secretária Adjunta de Educação no município:

¹⁰ Sobre projeto arquitetônico de Ruy Ohtake. *Projeto Design*. Disponível em: <<http://arcoweb.com.br/arquitetura/ruy-ohtake-centro-cultural-03-05-2004.html>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

A restauração da antiga fábrica de casimira Adamastor e sua transformação num equipamento cultural para a cidade ganhou uma grande força simbólica e hoje se constitui num dos principais marcos históricos de identidade urbana para a população de Guarulhos.

Para conhecer as informações sobre esse espaço, vale observar a descrição da obra, presente no *web site* da Prefeitura Municipal:

Internamente, a construção recebeu três auditórios para seminários numa das laterais e quatro salas menores para cursos, na outra – em mezanino acima destas fica a biblioteca, aberta ao público. Entre as duas alas situa-se o pátio de convivência, elemento articulador de todo o conjunto. A partir da saída do teatro, a chaminé é visualizada, em toda a sua extensão, graças a uma faixa envidraçada na cobertura do pátio de convivência. O espaço livre em volta da chaminé busca acentuar sua ligação com o centro.¹¹

Afora essa linguagem arquitetônica, eis o que mais nos chama a atenção: há uma *Sala de Memória* que, com exposição permanente, retrata algumas imagens dos antigos trabalhadores em seus espaços de trabalho, bem como no lazer, e apresenta um documentário, um curta metragem que contém depoimentos recolhidos de pessoas diversas, especialmente antigos trabalhadores, falando a respeito da história da fábrica, da importância desta em suas vidas e sua opinião sobre a mudança de espaço fabril para um espaço público voltado para a cultura. Essa exposição foi elaborada a partir de narrativas de trabalhadores, fotografias que revelam como viviam o cotidiano da fábrica, a relação com chefes e as amizades no local de trabalho.

Tais dimensões estavam presentes nas experiências desses sujeitos, situadas no momento de crescimento do setor industrial, em especial no Estado de São Paulo e na cidade de Guarulhos. A exposição permanente sobre a fábrica e os trabalhadores convive com as muitas atividades educacionais e culturais desenvolvidas no Centro Adamastor. Destaque-se que o Centro, com a estrutura da fábrica e sua chaminé, transformou-se para a população local num marco de memória da cidade.

Fruto de meu envolvimento com o tema do mundo do trabalho e com a metodologia da História Oral, participei diretamente do roteiro e produção do documentário “Memórias de Trabalhadores” que contém narrativas desses sujeitos sobre seu espaço de trabalho, a Fábrica Adamastor. Importa aqui destacar a participação dos trabalhadores durante o processo de construção do Centro Municipal de Educação Adamastor. Ou seja, a presença deles, expressando suas vivências dentro da fábrica, as utilizações dos espaços envoltórios, como desempenhavam as funções em cada setor da fábrica, enfim, a realidade do mundo fabril em que

¹¹ Disponível em: <<http://grucultura.guarulhos.sp.gov.br/>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

viveram, se tornou conhecida por meio das narrativas de trabalhadores, que as expressaram num momento de transformação da estrutura do prédio, da antiga fábrica para um centro de cultura.

Os trabalhadores com suas falas, em certa medida, com uma postura afirmativa diante da nova configuração desse mesmo espaço, acenam essa passagem como uma forma de reafirmar sua História, publicizar suas memórias, como um direito conquistado: o direito da fala, o direito ao espaço de expor essa fala, de se sentirem valorizados, de participarem do processo de mudança de local de trabalho para local de produção sim, mas não produção de fios e tecidos, mas produção de conhecimentos, espaço de formação cidadã e de entretenimento.

Como afirma Maria Letícia M. Ferreira, professora na Universidade Federal de Pelotas há, desse modo, uma inversão de funções e sentidos: o que antes era um lugar de trabalho se transforma num lugar de memória:

*A patrimonialização desses espaços confere aos mesmos outros sentidos, deslocando-os daqueles que estão em sua origem. Inseridos em outra ordem, a da memória, e outra estética, a do patrimônio, lugares de trabalho e produção passam, então, a fazer parte de roteiros culturais e de entretenimento.*¹²

Não se trata de colocar tais espaços em oposição ou transformação linear entre esse (fábrica) e aquele (centro de cultura). Em certa medida, pensemos o espaço para além da visão normativa e processo administrativo, além do prédio, da arquitetura mas considerando, inclusive, as vivências subjetivas daqueles que ocuparam e ocupam hoje esses centros, sejam eles trabalhadores, estudantes, donas de casa, jovens ou idosos. Portanto, importa ver o espaço atualmente como plural, como vitalidade e realidade transformada.

É necessário buscar compreender o processo histórico de alteração desses espaços fabris. Alguns pontos básicos são importantes, como o próprio processo de deliberação acerca do espaço, de sua recuperação, de seu tombamento, da restauração de fábricas e de sua recuperação em museus ou centros culturais.

No caso de Guarulhos houve uma equipe multidisciplinar para a condução desse processo, formada por arquiteta, sociólogo, advogado, historiadora e pedagoga, ou seja, houve a participação da comunidade a esse respeito e os profissionais que trabalharam na transição de uma fábrica para equipamento cultural e, por meio de reuniões e seminários os profissionais envolvidos iam executando e decidindo o trato com a arquitetura, o uso de cada parte da fábrica e, além disso, o que seria possível preservar ou não.

Vale ressaltar que a proposta de revitalização do espaço foi levada adiante por uma equipe multidisciplinar. Essa equipe de trabalho considerava no cotidiano os objetivos que foram pensados para a criação dos museus ou centros culturais.

¹² FERREIRA, Maria Letícia M. "Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória". *Revista Museologia e Patrimônio*, vol. II, jan./ jun. 2009, p. 22.

Durante a transição do espaço, de antiga fábrica para um centro de cultura foram envolvidos todos os órgãos municipais como, por exemplo, as secretarias de Educação, de Cultura e de Finanças¹³.

Nesse processo, os antigos trabalhadores também foram contatados e participaram das mudanças, visitaram os espaços internos da fábrica em obras, explicitando as funções que exerciam. Esses trabalhadores também deixaram suas impressões sobre as transformações do espaço fabril, onde outrora viveram seus dias de labuta e lazer dentro do sistema de produção de fios de algodão e confecção.

É possível refletir sobre a metodologia desse processo de musealização e a presença e participação de antigos trabalhadores, que junto com os técnicos e professores, discutiram a melhor maneira de agir frente às mudanças. Eis fragmentos das narrativas de antigos trabalhadores que participaram da elaboração do documentário feito para a inauguração do espaço do Centro Municipal de Educação Adamastor. A palavra é do Sr. Oscar Giorgetti e de Erotides Lacerda, respectivamente:

Telma Bessa: O senhor pode nos contar sobre seu trabalho na fábrica Adamastor?

Sr. Oscar Giorgetti: Sim, porque entrávamos mocinhos, 12 anos, e ficávamos mais ou menos 30 anos, todos os dias, com as mesmas pessoas, se vendo, e era um tempo diferente, uma vida mais calma [...] hoje você trabalha, não sabe a vida de ninguém, não dá nem pra conhecer a pessoa bem. Mas foi muito bom, a gente tem contato até hoje.

Telma Bessa: A senhora poderia nos contar sobre seu trabalho na fábrica?

Sra. Erotides Lacerda: o que mais me chamava atenção era a chaminé que era muito bonita, e o apito que na hora do almoço, de manhã, fazia aquele barulho, tipo uma sirene, avisando da entrada dos funcionários do horário. No horário do almoço também tinha a sirene que avisava do horário de saída e da volta e a tarde também. Aliás aquilo era um relógio até pra cidade, quando tocava o apito, as pessoas até distante, diziam: olha, é tal hora a sirene da Adamastor já apitou [...]. Hoje com essa construção vai continuar produzindo, não mais tecidos, mas conhecimento.¹⁴

¹³ Franco Mancuso elaborou algumas considerações com sugestões do que precisa ser feito no campo das boas práticas para a ação de profissionais na reestruturação de bens do Patrimônio Industrial. Ver: MANCUSO, Franco. "Progetto e 'buono pratiche'". In: RONCHETTA, Chiara & TRISCIUGLIO, Marco (orgs.). *Progettare per il patrimonio industriale*. Turim: Celid, 2008, p. 154-159.

¹⁴ Entrevistas realizadas por mim, no espaço da antiga fábrica Adamastor, na cidade de Guarulhos, em 2003.

Após mais de dez anos da inauguração desse centro de cultura, constatamos a importância dessa mudança para a população, em especial para os antigos trabalhadores e suas famílias, que após a inauguração eram quem frequentava, que se reconheciam, e que assistiam ao documentário e comentavam sobre as falas, as filmagens.

Pensar nesse processo implica refletir sobre as demandas, as possibilidades de se ter muitos espaços culturais com essa marca, com a fala e os sujeitos sociais como parte constitutiva dos processos patrimoniais. No entanto, há no Brasil iniciativas ainda tímidas e incipientes no campo das políticas públicas – escassas – nos âmbitos federal estadual e municipal ou ainda, há uma ausência de projetos para a utilização de espaços industriais desativados.

Sobre os espaços urbanos, as cidades e o patrimônio industrial, importa conhecer as relações existentes, a “passagem” ou transformação de antigas fábricas para se constituí-los em centros de cultura. Pensando de forma ampla, esse assunto nos remete a um cenário bem mais abrangente, onde o local, o regional ou mesmo o curso da História nacional e universal se entrecruzam, revelando o entrelaçamento de uma micro e macro história.

Nessa perspectiva, o conhecimento histórico é seletivo-provisório e está em permanente construção com novos documentos, com novos olhares se constituindo. Os conceitos devem estar abertos ao diálogo com as determinações objetivas concretas das evidências. Importante lembrar aqui as reflexões de Raymond Williams ao discorrer sobre a cultura, no sentido de orientar que “os conceitos que participamos, não são conceitos, mas problemas, movimentos históricos ainda não definidos”¹⁵.

Essa discussão é articulada à reflexão sobre o patrimônio como assinala Cristina Meneguello, da UNICAMP: “O tema patrimônio industrial está inscrito como um campo de pesquisa e atuação que atinge, simultaneamente, a memória do trabalho, o estabelecimento e proteção de acervos e a presença das edificações industriais na trama urbana”¹⁶.

Outra experiência em destaque neste artigo seria um trabalho de recuperação de espaço produtivo, com a presença de trabalhadores que, no dia a dia, constituem a equipe que desenvolve um trabalho de recuperação de uma antiga moagem para ser um museu, na cidade de Tomar, em Portugal, coordenado pela professora Graça Filipe¹⁷.

¹⁵ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 17.

¹⁶ MENEGUELLO, Cristina. “Patrimônio industrial como tema de pesquisa”. *Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente*. Florianópolis: ANPUH-SC, 2011, p. 1819. Publicação eletrônica. Disponível em: <<http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPIII/stpi/paper/view/313>>.

¹⁷ No estágio pós-doutoral em Portugal, junto ao Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades – CIDEHUS, na linha Patrimônio e Diversidade Cultural, na Universidade de Évora, foi possível conhecer o trabalho da referida professora e sua equipe, no desenvolvimento do projeto sobre a Levada de Tomar. É um projeto da Prefeitura Municipal de Tomar, Portugal e trata da recuperação dos antigos “Lagares e Moinhos da Ribeira da Vila” e da Moagem Austro-Húngara. Cf. Musealização da Levada de Tomar: subsídios para a conservação do patrimônio industrial da moagem A Portuguesa

Com simpatia e alegre receptividade na ocasião de uma entrevista temática que realizei, essa professora, que leciona na Universidade Nova de Lisboa (UNL), estudiosa do campo da inovação na museologia contemporânea, patrimonialização e museus em cenários de desindustrialização, desenvolve uma narrativa sobre sua trajetória e experiências no campo do Patrimônio.

Assim, ela fala sobre seu desafiante trabalho: “estou de novo, enfim, com as mãos na massa, tentando inventar algo de diferente, com suas fragilidades no sentido de ter mais riscos também, por ser mais dinâmico e social”. Na verdade essa narrativa poderia se reportar a qualquer assunto e a imaginação poderia nos levar a diversas possibilidades de temas recorrentes a palavras como ‘mãos na massa’, ‘fragilidades e riscos’, ‘dinamismo social’. No entanto, chamo atenção para a riqueza, profundidade e segurança expressas de forma simples e direta, que pode instigar ainda mais a nossa interpretação. Essa frase diz respeito ao tema dos espaços industriais recriados para se tornarem equipamentos culturais de qualidade para a população e ela se refere à Levada de Tomar, eis a imagem:¹⁸



Fig. 2 – O edifício mais alto é a Moagem Austro-Húngara, no qual toda a maquinaria encontra-se repartida pelos seus diversos pisos. Foto de Helga Matos.

No trabalho com memórias e oralidade é necessário evitar uma fala descontextualizada, desligada de seu autor e desvinculada de seu ambiente e propósitos. Para ser compreendida, uma narrativa não deve estar descolada de seu autor, do como foi narrada, onde foi narrada, de seu estado de humor, etc. No contato com essa narradora se torna evidente sua larga experiência relacionada aos museus recriados considerando os contextos sociais, trata-se de uma realidade concreta para essa profissional.

Ela desenvolve um trabalho na cidade de Tomar, relacionado com patrimônio técnico industrial e reabilitação urbana. Para essa professora, trabalhar em projetos interativos é mais estimulante, e nesse contexto da ação patrimonial e das dinâmicas

Cláudia Sofia Petulante Duarte. Cf. site da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial. Disponível em: <<http://apaiassociacao.wix.com/apai#!levada-tomar.jpg/>>.

¹⁸ Durante o estágio realizei entrevistas com diversos professores inclusive a Profa. Graça Filipe da UNINOVA em Lisboa. Para informações sobre o estágio ver o blog no link <<http://www.outrahistoriaspatrimonioidustrial.blogspot.com>>.

territoriais, ela afirma ainda outra experiência em que trabalhou, chamada *Ecomuseu* e assinala: “perceber também dinâmicas da industrialização e desindustrialização eram e são, marcantes em termos sociais, econômicos, culturais”¹⁹.

Vale considerar que as investigações históricas com as temáticas do patrimônio industrial são largamente desenvolvidas em Portugal. Além dos conceitos, as discussões e práticas profissionais no campo do Patrimônio, tanto do ponto de vista da reflexão teórica como na dimensão da Museologia nacional, estão cada vez mais intensas em terras portuguesas, como aponta o professor José Amado Mendes, de Coimbra:

*Em Portugal existem vários exemplos de reutilização de antigas instalações industriais ou de equipamentos colectivos, para finalidades diversas, embora com destaque para a museologia. Em numerosos casos os museus, instalados em estruturas industriais ou afins, desactivadas, integram-se no mesmo ramo das antigas funções, pelo que a questão da memória e do património são desse modo reforçados. Noutros casos, as instalações foram adaptadas a novas funções, desligadas da actividade outrora exercida, pelo que só aquelas invocam o seu passado e a sua história.*²⁰

A partir da década de 1980, fruto do reconhecimento da importância do Patrimônio Industrial em Portugal, foram fundadas as primeiras associações que tiveram um papel importante na defesa e no estudo desse patrimônio. Destaca-se o papel da Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa, fundada em 1980 e que mais tarde deu origem à APAI – Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial²¹, e da APOREM – Associação Portuguesa de Empresas com Museus, fundada em 1992 com o objetivo de preservar o patrimônio e a memória passada das empresas e apresentá-las em espaços museológicos abertos à comunidade.

¹⁹ A professora Graça Filipe é uma das expoentes no estudo sobre Ecomuseu. Na cidade de Seixal há experiência de Ecomuseu. Há um núcleo Sede no mesmo edifício de uma das escolas de ensino básico do concelho, ocupa um espaço que progressivamente tem vindo a ser adaptado às funções expositivas e de serviços técnicos e administrativos do Ecomuseu. Nele estão instalados os serviços centrais do Ecomuseu (Serviço Administrativo; Direção; Museografia; Centro de Documentação e Informação e Serviço Educativo). O Núcleo Sede integra ainda uma área de exposição permanente - O Território, O Homem, A História – que interpreta aspectos da ocupação humana do território que atualmente corresponde ao Município do Seixal e da história local. Núcleo do Moinho de Maré de Corroios – Aberto ao público em 1986, resulta da musealização de espaço de trabalho e produção (Imóvel Classificado de Interesse Público), que inclui o seu equipamento, em estado de funcionamento (moagem artesanal de trigo, milho e centeio).

²⁰ MENDES, Amado José. In: *Ubimuseum*, Lisboa, n. 1, 2012, p. 03. Estas reflexões foram debatidas durante o estágio pós-doutoral e para melhor compreensão há artigos de diversos estudiosos, como José Amado Mendes, José Lopes Cordeiro, Jorge Custódio, Maria da Luz Sampaio, Graça Felipe e Ana Cardoso de Matos, entre outros.

²¹ Para além desta foram criadas outras associações como a APPI – Associação Portuguesa para o Patrimônio Industrial.

Essas associações tiveram uma importante ação na divulgação do Patrimônio Industrial e Empresarial e na sensibilização das empresas e das Câmaras Municipais para a necessidade de preservar esse tipo de patrimônio impulsionando, conseqüentemente, a criação de novos museus ou núcleos museológicos.

No Brasil continuamos a refletir sobre essa temática, buscando a divulgação para que esse debate rompa fronteiras e esteja presente no cotidiano de entidades e instituições além do centro sul do país, na compreensão que essas reflexões sejam interdisciplinares.

As atividades e os programas oferecidos pelos atuais centros culturais citados e visitados são voltadas para o entretenimento bem como para a formação cidadã da população, com teor histórico-social, como apontam alguns documentos e narrativas.

Finalizo esta reflexão no sentido de divulgar e convidar a todos a pensar na temática do patrimônio industrial, reconhecendo que essa discussão no Brasil é bastante nova:

*[...] a identificação do patrimônio industrial, ainda que recente num país como o Brasil, vem se transformando num “dever de memória”, o que se explica, em parte, pelo esvaziamento e eliminação desses vestígios de atividades que movimentaram e impulsionaram o país, tais como o sistema ferroviário, portuário, etc. Entretanto, é fundamental entender que esses elementos de origem material não se dissociam daqueles de caráter imaterial. Assim pessoas e máquinas, saberes e fazeres se entrecruzam e disso deriva, talvez, uma outra possibilidade patrimonial.*²²



²² FERREIRA, “Patrimônio industrial...”, p. 22.

RESUMO

O presente artigo se refere a um diálogo possível sobre Patrimônio Industrial e algumas impressões dessa problemática no Brasil e em Portugal. São algumas reflexões sobre a história da ação patrimonial portuguesa, no tocante às instalações industriais e aos processos de refuncionalização, ou preservação desses espaços. Da mesma maneira, ressalta-se uma discussão teórica desenvolvida no Brasil sobre o tema Patrimônio Industrial e as iniciativas de preservação de espaços fabris. Vale destacar a metodologia de história oral na dimensão de compreender experiências e memórias de antigos trabalhadores neste processo de mudança.

Palavras Chave: Patrimônio Industrial; Trabalhadores; Fábrica; Centro Cultural; Memórias.

ABSTRACT

This paper refers to a possible dialogue on Industrial Heritage and some impressions of this problem in Brazil and Portugal. Are some reflections on the history of Portuguese heritage action regarding industrial facilities and refunctionalization processes, or preservation of these spaces. Likewise, points out a theoretical discussion developed in Brazil on Industrial Heritage theme and the preservation of industrial spaces initiatives. It is worth noting the methodology of oral history in the dimension of understanding and experience of older workers memories in this change process.

Keywords: Industrial Heritage; Workers; Factories; Cultural Centers; Memories.

Artigo recebido em 19 mai. 2016.

Aprovado em 25 set. 2016.